

O bolo de sete andares

Rozelene Furtado de Lima
Teresópolis / RJ

Numa comunidade simples, com pessoas simples onde a simplicidade imperava, vivia Berialda.

Nas noites de finais de semana sem ter nada mais interessante para fazerem se reuniam, ora na casa de um ora na casa de outro, e conversavam, falavam de projetos e de sonhos. Quanto mais simples a pessoa mais esdrúxulos são seus sonhos. Todos conheciam os sonhos de todos. Maria da Luz queria um dia fazer um varal na ponta da serra para a roupa secar mais rápido, seu João que era pedreiro sonhava em construir uma casa fora do chão presa em cabos de aço para não sofrer nenhuma espécie de abalo natural, José Curió que era varredor de rua pensava em inventar um jeito de colocar dez vassouras em fila para o vento varrer e ele ficaria só tomando conta para elas não caírem. Dona Vera que fazia salgadinhos vivia pensando numa maneira dos pastéis entrarem e saírem da panela sem ela precisar mover um dedo. João lenhador pensava em ter um machado do ouro bem grande pendurado na porta do barraquinho, que era para quem passasse soubesse que ali vivia um lenhador, Lionel que fazia frete no carrinho de mão sonhava com carrinho que sugasse o material e cuspsse na hora de descarregar. Berialda depois que filhinha nasceu só ouvia os sonhos dos outros, mas não contava seu sonho.

Passou a prestar serviço nas horas vagas e nas horas ocupadas também, cuidava da plantas, lavava roupa, fazia balinhas de leite da coco para aniversários, tomava conta de criança quando alguém precisasse sair e não podia levar os filhos, levava idoso no médico e todo o serviço que aparecesse. Cobrava por tudo que fazia, era um dinheirinho pequeno, mas iria realizar seu grande sonho. Juntava debaixo do colchão, não gastava nem um centavo. Depois de um ano, botou tudo numa bolsa e foi até a cidade vizinha, abriu uma conta no banco e deixou lá o dinheiro para dar filhote. E assim ela fez isso durante dezoito anos.

A filha cresceu, descobriu o amor, apaixonou-se, noivou e iria casar-se. Berialda foi ao Banco ver quanto tinha na sua conta. O gerente tratou com muito respeito, ela estava rica, o dinheiro suado e economizado durante dezoito anos deu muitos filhotes. Ela iria realizar seu grande sonho – o casamento da filha. Alugou banda musical da outra cidade, o salão do Clube, a melhor costureira para fazer o vestido, doces, salgadinhos, arrumação de Igreja e tudo mais que exige uma ocasião dessas. Ela desenhou o bolo de sete andares com uma escada até a ponta do bolo, o casal de noivinhos de costas, o véu da noiva descendo pela escada até o último degrau e uma igreja encimando o bolo. A confeitadeira cobrou o dobro do preço, ela aceitou. Esse era o sonho dela o bolo de noiva. O pecado da vaidade é do tamanho do sonho. Tudo pronto, o bolo ficou lindíssimo!!! Na hora de levar para o local da festa, surpresa : o bolo não passava pela porta, nem pela janela. Que alvoroço! Não podia sair deitado ou virado. Chama um, chama outro, opiniões e ideias não faltaram, até que...

alguém falou: tirem uma parte do telhado. E aquela correria. Todos já estavam vestidos com a fatiota de festa. Escada para lá, escada para cá, desce telha dali, telha daqui. Hora de erguer o bolo, equilibra, mais para frente, mais para trás, mais para a direita, mais para a esquerda. O bolo está literalmente no telhado. E agora Berialda, descer sete andares de sonho como? Nessas alturas toda a cidadezinha já sabia do acontecido, e correram para casa da boleira para ver de perto a façanha de tirar o bolo do telhado. Era um tal de “ai meu Deus”! A vaidade é exigente e brincalhona.

A igreja esvaziou rapidamente depois da bênção final, até o padre e o casal de noivos foram ver o que estava acontecendo, a multidão toda engalanada para festa amontoava-se para assistir o espetáculo. Impossível descer o bolo. O fotógrafo subiu escada e fotografou, a noiva tirou fotos no telhado junto com o noivo. E tome de aplausos, gritos e apupos. Berialda subiu com a faca na mão e o bolo foi fatiado ali mesmo e distribuído para a multidão. Ao pé da escada de madeira um amontoado de sapatos. A banda musical veio tocar, os salgadinhos foram servidos ali.

Berialda planejou tudo, nos mínimos detalhes, seu grande sonho que não passou do telhado da casa da boleira e em mais de seis mil toques de escada.